



REDACÇÃO PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL

End. telegr. Telex - Lisboa - Telefone: 2

Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

ABRIL

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Deficiências nossas

Não escondamos nunca as nossas deficiências e os nossos defeitos. Com oculta-las supomos iludir a burguesia, e afinal iludimo-nos a nós próprios, pois no dia em que cada um, em que cada legião tiver de mostrar o por em acção as suas forças não valem flechas, só o que é real prevalecerá.

Defeitos, temos-los. E salientamos para que a propaganda os iludido. E' exprobar a conduta dos que não cumprem o seu dever. Há assembleias gerais, convocadas para tratar-se de assuntos em extremo importantes, que não funcionam por falta de número. Há nos sindicatos direcções que deixam ao abandono os negócios associativos. Há ainda, e inutilmente, muita inconsciência a aniquilar, muita ignorância a re- zizar. Pois consagramos nos devotadamente à útil tarefa do pôr sobre a todos estes males. Dizer ao operário que tem ele direitos de que ainda não goza é dizer-lhe uma verdade.

Apesar do trabalhador no sindicato é um dever e dos mais sagrados que frequentemente se vê esquecido. Assistir o sindicato, depois da filiação, com todas as deficiências, é outro dever que nem sempre vemos cumprido. Pois a nossa propaganda e o nosso esforço principal contra as nossas próprias deficiências.

Temos dito já suficientemente ao burguês que é inútil, é um parasita, é um vampiro. Devemos também dizer a nossa paixão e a nossa inércia ajudam a conservar o predomínio burguês. O facto é que temos por isso lado o número, que é o importante, e a razão, que é o essencial. De que mais precisamos para vencer?

Já está dito por mil maneiras e a revolução dos escravos não fará o céu: fá-la hão os próprios escravos. E fá-la hão quando? Tanto mais tarde quanto mais tempo se descuidarem em pretechar-se, em preparar-se, em criar a força e a coesão indispensáveis. Essa força não é preciso ir buscá-la fora porque está no nosso seio.

O regime burguês está aniquilado. Desmantelou-o a sua própria insuficiência. Fica portanto o trabalho em campo. Preciso é, pois, que os trabalhadores se su- periorizem, técnica, moral e intelectualmente. A' produção consumamos o nosso braço. E' preciso engraxar também o nosso cérebro, tornando-nos capazes de dar progresso técnico, de aperfeiçoar métodos de fabrico, de pensar, numa palavra, e com vantagens gerais, a eficiência nacional.

Em verdade, não pode haver propaganda mais errada que a de reclamar que tudo está feito no nosso campo, quando o próprio facto do não termos vencido ainda significa que há trabalho a executar. Por isso, vejamos bem em que pontos residem as nossas deficiências. Se nos falta saber, aprendamos; se nos falta força, criemo-la; temos aspirações, temos ideais: pois tornemo-nos aptos para alcançar o que desejamos.

Não mintamos à nossa consciência nem fechemos os olhos da nossa observação. Claro está, e o contrário é que seria para extrair, que tantos e tantos séculos de sujeição, de forçada subalteridade terão abastardado a massa trabalhadora. Isto não é delito dela. Delito seria vêr-se nitidamente que temos caminho a percorrer e deixarmos-nos ficar no mesmo sítio.

A Argentina revolucionada

Continuam os combates nas ruas de Buenos Aires - Mortos e feridos - A situação é grave

BUENOS AIRES, 27. - Continuam as manifestações tumultuosas determinadas na questão operária. Houve novas colações com a força pública resultando mortos e feridos. Fizem-se 300 prisões de elementos operários. Em Santa Fé há greve geral, dando-se encontros entre os operários com a polícia, vários feridos e actos de sabotagem e linhas férreas. H.

A rareza dos fatos

Falando com a direcção do Sindicato dos Alfaiates

—Um facto custar cento e cinquenta escudos, é extraordinário!

—Efectivamente é demasiado, respondeu-nos a direcção do Sindicato dos Alfaiates. —E' quem quer saber porque é demasiado?

—Acercamo-nos mais para melhor ouvir quem nos poderia fornecer dados verdadeiros sobre a rareza dos fatos, que são indubitavelmente artigos de primeira necessidade.

—Ora, disseram-nos os nossos camaradas —deviam ter lido no *Seculo* da noite, o que os industriais Pinto & Duarte, disseram sobre o assunto.

—Lemos. E reparámos que se atacava dum maneira mais ou menos encoberta a regalia das 8 horas de trabalho, que há pouco tempo conquistaram. —Sim, também reparámos nesse ponto, e é exactamente para essa particularidade que nós tínhamos vontade que o povo dirigisse as suas atenções, para ver quanto há de falso e de menos verdadeiro nos argumentos empregados por aqueles industriais.

—Quanto custa um facto de primeira qualidade numa casa de luxo?

—Então não é possível pagar-se menos de 150000 por um facto de primeira qualidade?

—E' possível e mais que possível. Vamos demonstrar-lhe com factos as nossas afirmações. Um facto, é sabido por todos, leva três metros de fazenda e essa fazenda custa o máximo, depois de ter deixado um bom lucro à casa, 25000, cada metro; juntos-lhe 30000 de feitiço, tirando já bom lucro do preço desse feitiço, sai um facto, dos melhores, dos que a casa Pinto & Duarte diz custar 150000, pela quantia de 105000.

—Os 30% de aumento ao pessoal a obras, no final são apenas 15%.

Mas, como não gostamos de fazer qualquer afirmação sem estarmos plenamente convencidos de que ela é a expressão da verdade, não poupámos os nossos interlocutores e por isso abordámos um assunto que nos tinha suscitado algumas dúvidas e perguntas:

—Não influirão no preço dos fatos os 30% que não circularão nem na obra pessoal a obras?

Um sorriso irónico, acompanhado de algumas revelações que bem mostram o pouco escrúpulo com os industriais tratam estes assuntos, foi a resposta.

—Os 30% —disseram-nos— não podem influir de maneira alguma sobre o preço da obra, pela simples razão de os proprietários os não terem cedido. Nós de facto havíamos reclamado essa percentagem, mas apenas nos concederam 15%, em média. De resto o pessoal a obras necessitava bastante desse aumento, porque, como sabe, esse pessoal tem ao seu serviço um certo número de auxiliares a quem paga, embora não tenha os recursos dos grandes capitalistas. Portanto não foram os 15% de aumento que agravaram o preço dos artigos.

As oito horas são uma garantia de trabalho para todo o ano.

No entanto intrigava-nos ainda um facto que os industriais lançam ao público como argumento decisivo que serve de capa ao seu espírito ganancioso. Esse argumento é velho: as 8 horas de trabalho sobrecarregam o preço dos artigos.

—As oito horas de trabalho, —elucidaram-nos aqueles camaradas— trouxeram grandes benefícios para os operários alfaiates, porque lhes garantem trabalho durante os meses de crise que eram Janeiro, Fevereiro, Março, Agosto, Setembro e Outubro, meses em que carecia a procura de fatos.

O salário não chega, mesmo que se trabalhe toda a semana. —E, pois, inadmissível a hipótese de haver quem trabalhe só quatro dias —Aponcalidade —dêles—

—Dizem haver indivíduos que trabalham somente durante quatro dias na semana, porque o que ganham lhes garante três dias de ociosidade?

—Isso é falso. —apressaram-se logo a responder aqueles operários— porque o que nós ganhamos, trabalhando todos os dias, não chega para satisfazer as nossas necessidades. Não ganhamos as quantias principais que muitos ingénios ou mal intencionados nos atribuem.

Estes argumentos convenceram-nos mais uma vez da pouca fidelidade que os industriais gananciosos empregam nos seus ataques à bolsa do público. Vimos que uma grande avidez de ouro move todos os seus actos e que, longe de nos arrancarem a bolsa, cara a cara, usam de todos os meios subtos, que lhes desviam de cima dos ombros a responsabilidade da miséria alheia, para atribuir essas culpas para cima dos operários que são tam explorados, enganados e roubados como o próprio público.

O operário é roubado duas vezes. Os industriais querem enganar o povo por intermédio da imprensa.

—O operário é duas vezes roubado. Roubado no salário quando produz, roubado depois quando consome, muitas vezes, aquilo que produz. Lamentável é que haja jornais que se prestem a coadjuvar as baixas manobras desses indivíduos sem escrúpulos. Trate-mos a da imprensa que não se envergonha de defender o que não tem a menor possibilidade.

Notas e Comentários



—E' verdade que o operário pensa em agitar-se novamente para obter maior salário?

—Não sei, mas é natural que muito em breve se veja obrigado a isso. —Oh! senhores. Mas vamos agravar mais a vida!

—E como quer o senhor que nós não reclamemos novo aumento de salário se já não podemos viver com o que ganhamos? O senhor aumentou em 50, 100 e 300% a renda das casas. O mercador está vendendo o arroz a \$80 o quilo, e o azeite a \$100; o carvão subiu o preço do carvão e do petróleo; um facto custa um mês de salário, umas botas 15 escudos, um chapéu 65; a manteiga está a \$40; a carne... —como quer o senhor que nós possamos pagar tudo isto com os aumentos sofridos, se não formos pedir ao patronato mais dinheiro pela nossa mercadoria: —o braço ou a inteligência?

—Oh! senhor! Mas os senhores não compreendem que, assim, aumentando os salários, os preços das coisas voltam também a crescer?

—E os senhores não compreendem que tendo as coisas crescido nós não podemos pagá-las se não aumentarmos os nossos salários?

—Mas os senhores não compreendem que por esse processo, o médico subirá o preço das suas consultas, o advogado das suas minutas, os engenheiros das suas plantas, e que, por tanto, ao subir os salários o encarecimento é geral e todos sofremos as consequências?

—E o médico, o advogado, o engenheiro, o arquitecto, o professor, o jornalista tem a mesma razão que nós, e o mesmo direito ou, melhor, mesmo dever por viver e um dever.

—Mas semelhante situação é absurda e insustentável.

—E' isso mesmo que nós dizemos.

—Pois os senhores não vêm que é illusório o meio do aumento constante do salário para resolver o problema?

—Vemos isso tam bem ou melhor que os senhores. Mas a culpa de nos termos forçados a pedir aumento de salário não é nossa. E' do mercador, do senhorio, do carvoeiro que cada mês nos aumentam o preço da mercadoria.

—Mas esse círculo vicioso foram os senhores, os burgueses, que o criaram, e foram também os senhores que desequilibraram isto. Andem, mostrem-lhe agora as suas habilidades, a sua inteligência, a sua superioridade de classe, com que se arrogam o privilégio de administrar e dirigir a sociedade. Andem, rompam lá o círculo e estabeleçam lá o equilíbrio, se são capazes!

Palavras, palavras O *Seculo* de ontem publicava o trilhésimo bilionésimo milionésimo nonagesimo sexagesimo segundo artigo de fundo em que diz ser necessário e urgente enveredar-se por um rumo diverso e decidir-se a solução dos grandes e múltiplos problemas essenciais; que o país exige dos seus governos planos exactos, práticos, concretos de salvação pública; que estamos todos encaçados de ouvir falar em projectos etc., o que se quer são actos e factos.

Mas a respeito de apresentar ideias, alvites, planos, projectos, a tal forma prática e exequível de solucionar os tais problemas de salvação pública, O *Seculo* está-se nas tintas.

Como toda a imprensa burguesa, O *Seculo* diz que é preciso fazer mas não diz como se deve e pode fazer-se. E não diz porque, como os políticos, como toda a burguesia, não percebe nada dos acontecimentos que se desenrolam e, afilada, põe as mãos à cabeça. Como em casa onde não há pão todos falam e ninguém tem razão, assim entre a burguesia, onde não há ideias, todos berram mas ninguém se entende.

Isto é o pandemónio! E daria vontade de rir se isto não acabasse numa tragédia. Mas que tragédia!

Santa candura! O *Seculo* noticia que a polícia também se saltou a casa de um indivíduo que, apesar de sargento reformado e de receber do Estado o vencimento de um escudo e cinquenta centavos diários, é um maximalista perigoso e como tal conhecido. Que santa candura!

—Decididamente —dissémos ao despredito-nos— a culpa da carestia, na indústria de alfaiataria, cabe unicamente aos industriais...

—Não tenham dúvidas; e principalmente aos proprietários, que não sendo técnicos se dedicam a receber os proventos dum mister que nem sequer conhecem, como acontece com a casa Pinto & Duarte, que tanto se empenhou, por intermédio do *Seculo*, em deitar poeira nos olhos do povo...

A crise política

Conferências em Coimbra com o intrujão Malva do Vale

COIMBRA, 28. —Esteve nesta cidade, ante-onde, o sr. Alvaro de Castro, que teve demorada conferência com o governador civil, Malva do Vale. O mesmo chegou no rápido do ministro do trabalho, tendo todos três uma conferência no Hotel Avenida. Consta tratar-se da crise ministerial. O ministro de trabalho partiu para a Malva do Vale à meia noite.

Prender, perseguir...

A pretensão da catástrofe das escadarias de S. Crispim, tem desenvolvido a polícia uma intensa perseguição aos elementos operários, tendo sido ontem presos, segundo dizem os jornais da noite, 38 indivíduos e apreendidos documentos que os aguçam reputam muito importantes e que devem constituir as peças principais do drama sensacional que se está forjando no governo civil e em que representamos o papel de vítimas os de sempre —aqueles operários conscientes que se rebelam e que convocam a classe trabalhadora para a luta.

Mais buscas e prisões, parecendo que, para a apresentação da, ainda alguns...

Rosários e bentinhos

Algumas considerações a propósito dum detalhe do noticiário dos periódicos burgueses

Sempre que qualquer acontecimento se dá que tenha qualquer ligação, embora muito ténues, com o movimento proletário, não se esquecem os jornais concordes com a sociedade burguesa, de acentuar este ou aquele pormenor que vem algo de desprimoroso. Tam frequentes vezes isto se tem dado, que não fixamos a atenção durante dois segundos em tam baixos ataques, que revelam processos pouco dignos de combater. Mas às vezes torna-se necessário aplicar o necessário correctivo, e então há que levantar um breve reparo que ponha as coisas no seu lugar.

Vem estas considerações a propósito de dois casos bem comprovativos da desfalda da imprensa burguesa. O primeiro deu-se quando dos boatos de revolução que ultimamente circularam e que o governo parecia ter um interesse especial em propagar. Alguns membros duma Juventude Sindicalista passavam pela Baixa e foram presos pela polícia, sem se saber bem qual o motivo, ou antes, sabendo-se perfeitamente, atendendo à facilidade com que em Portugal se fazem prisões. Pois no dia imediato, a imprensa noticiava terem sido apreendidos bentinhos e rosários. O segundo relaciona-se com a explosão das escadarias de S. Crispim. Leu-se no noticiário dos colossos, entre uma abundância de pormenores que quasi indignava, pois relatava-se o que de mais particular havia na vida da família que habitava os compartimentos onde se deu a catástrofe, que se apreendera rosários e bentinhos, assim como um atestado de comunhão.

Foram estes os dois casos. Eram detalhes sem importância alguma, quem sabe se devidos à fantasia de algum reporter com vocação para novelista. Porém, como linhas antes se lia que a polícia apreendera folhetos revolucionários, manifestos e jornais operários, ressaltava logo a insinuação torpe duma afinidade entre princípios avançados e o fanatismo católico.

Por todos os aspectos que examinemos o caso, se é verdadeiro, de em casa dum operário revolucionário se encontrarem objectos religiosos, não encontramos nada que justifique a insinuação infortunadamente lançada na opinião pública. E' frequente encontrar-se indivíduos que, não sendo religiosos, professando mesmo uma aversão profunda pelas coisas negras de Loyola, tem na sua residência, contudo, litografias sobre assuntos religiosos, rosários, crucifixos, etc. Muitas criaturas conhecemos nestas condições e mesmo entre os que nesta casa trabalham alguns possuem objectos religiosos. Representa isso uma incoerência? Não o podemos admitir, porque esses objectos são, às vezes, recordações de entes queridos já falecidos ou pertença de pessoas de família que sobre religião tem ponto de vista muito diferentes. O caso é insignificante e não devia merecer ao reporter tal uma atenção especial, que demonstra existir um desejo vivo de deprimir, de intrigar.

Houve jornais que com a apreensão —quem sabe se falsa?— desses objectos de uso religioso especularam estupidamente. O caso demonstra bem a mentalidade de determinados profissionais da imprensa que, em lugar de se procurarem impor pela honestidade dos processos, dão de si uma triste ideia.

Que miséria moral!

Gente dos palcos

A questão das "matinees"

O que nos disse um militante da Associação dos trabalhadores de Teatro

O desrespeito ao Pôrto à lei do descanso semanal, continua a agitar a classe dos trabalhadores de teatro, apesar da sua inércia proverbial. Tem esses proletários desejos de impor duma forma enérgica as suas reivindicações e de reclamar o respeito à lei, cessando as matinees na capital do norte, mas é tal a sua brandura e o conservantismo existente, que o receto de qualquer atitude mais clara é geral, disso resultando pruridos legalistas que mais tem complicado a questão do que solucionado.

Encontrámos ontem o nosso camarada Sá Junior, da direcção da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, e perguntámos-lhe de choifre: —Então? Não que se está essa questão das matinees?

—Depois das dimarches junto do presidente do ministério, cujo resultado já vocês noticiaram na gazeta, foram para o Pôrto expedidos pelo sr. Sá Cardoso telegramas vários a que o governador civil daquele distrito não ligou nenhuma importância, apesar do último ser muito claro e até imperativo, estabelecendo que, no caso duma cessação de espectáculo, funcionar de dia, não poderia funcionar à noite e vice-versa.

—E' vocês em face disso o que fizeram?

—Deliberámos enviar um ofício ao sr. Sá Cardoso, mas na assembleia geral de ontem acabou-se mais pratico e duma comissão que submisso e diretamente se lhe tinha dado autorização para para se fazerem mais duas no Pôrto, conforme alguns...

Prender, perseguir...

A questão das "matinees"

O que nos disse um militante da Associação dos trabalhadores de Teatro

O desrespeito ao Pôrto à lei do descanso semanal, continua a agitar a classe dos trabalhadores de teatro, apesar da sua inércia proverbial. Tem esses proletários desejos de impor duma forma enérgica as suas reivindicações e de reclamar o respeito à lei, cessando as matinees na capital do norte, mas é tal a sua brandura e o conservantismo existente, que o receto de qualquer atitude mais clara é geral, disso resultando pruridos legalistas que mais tem complicado a questão do que solucionado.

Encontrámos ontem o nosso camarada Sá Junior, da direcção da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, e perguntámos-lhe de choifre: —Então? Não que se está essa questão das matinees?

—Depois das dimarches junto do presidente do ministério, cujo resultado já vocês noticiaram na gazeta, foram para o Pôrto expedidos pelo sr. Sá Cardoso telegramas vários a que o governador civil daquele distrito não ligou nenhuma importância, apesar do último ser muito claro e até imperativo, estabelecendo que, no caso duma cessação de espectáculo, funcionar de dia, não poderia funcionar à noite e vice-versa.

—E' vocês em face disso o que fizeram?

—Deliberámos enviar um ofício ao sr. Sá Cardoso, mas na assembleia geral de ontem acabou-se mais pratico e duma comissão que submisso e diretamente se lhe tinha dado autorização para para se fazerem mais duas no Pôrto, conforme alguns...

Prender, perseguir...

A questão das "matinees"

O que nos disse um militante da Associação dos trabalhadores de Teatro

O desrespeito ao Pôrto à lei do descanso semanal, continua a agitar a classe dos trabalhadores de teatro, apesar da sua inércia proverbial. Tem esses proletários desejos de impor duma forma enérgica as suas reivindicações e de reclamar o respeito à lei, cessando as matinees na capital do norte, mas é tal a sua brandura e o conservantismo existente, que o receto de qualquer atitude mais clara é geral, disso resultando pruridos legalistas que mais tem complicado a questão do que solucionado.

A REACÇÃO NO

As infâmias do tsarismo brasileiro Knut — Um grito de indignação

Do jornal libertário do Rio de Janeiro *Spartacus*, número de 22 de Novembro, extraimos a carta que um dos deportados, Everardo Dias, escreveu de bordo do navio em que a policia o meteu violentamente. O seu caso é típico e diz bem a natureza das arbitrariedades que a policia brasileira está praticando e que o governo português teve a criminoso ousadia de sancionar, sem mais forma de processo!

Mas eis o inaceitável documento:

A carta de Everardo Dias

2 de Novembro de 1919.

Meu caro F...

Saúde!

Vamos chegar à Baía amanhã e por isso escrevo-te esta, esperando de que vá ter às tuas mãos! Que destino de luta e de desassossego o meu! E' incrível!

Fui preso segunda-feira, logo de manhã, ao ir almoçar, por dois secretos, que me conduziram ao posto da rua Sete de Abril, onde estive em interrogatório e passando muitos vexames até meia noite. A essa hora fui chamado, e acompanhado do chefe dos secretos, guarda e mais dois do mesmo officio, fui conduzido de automóvel até Santos, onde chegámos às 4 horas mais ou menos. No caminho, o auto recolheu mais dois presos — o Pimenta e um moço de S. Bernardo.

Atrocidades tsaristas: a chibata, a fome e a sede!

Não és capaz de imaginar o que sofri em Santos. Lá, logo que cheguei, fui mandado despir e nu completamente meido em uma solitária, com meus dois companheiros. A solitária é um compartimento pequeno, acanhado, infecto e húmido; patinava-se sobre o escremento seco e urina — uma coisa repugnante, horrível. Assim ficámos todo o dia de terça-feira, toda a noite até quarta-feira às 3 e meia, quando fui retirado da cela para ir para um pátio, onde me esperavam oito ou dez soldados de carabina em posição de sentença. Assim fui espancado bárbaramente, recebendo 25 chibatadas nas costas.

Imagina: depois de três dias e duas noites sem comer, sem beber, nu, com um frio horrível em Santos, pois chovia sempre, ardendo em febre, a boca pastosa, sem poder gritar, sem poder falar, apanhei como um vagabundo ou um ladrão!...

Depois disso, mandaram-me vestir, conduziram-me em seguida de automóvel à estação, embarquei para S. Paulo, sempre custodiado por três secretos, e esperei escondido no Norte, que me embarcassem para o Rio. A's três horas, com mais 10 companheiros, com uma escolta de 25 praças de carabina embalada, seguimos de trem para o Rio e a esta capital chegámos de manhã, desembarcando em S. Francisco Xavier. Aqui, novo aparato de força: outras 25 praças tomaram conta de nós e assim seguimos até à Polícia Central, onde demos entrada no xadrez. Falei, então, com o inspector Melo, a quem disse desaleado que fazia quatro dias e quatro noites não comia, não bebia, não dormia, o mesmo se dando com meus companheiros.

Ele mandou, então, dar-nos café com pão e ao meio dia almoço! A's 7 horas, embarcávamos no *Benevente*, expulso do Brasil por ter atacado o governo de S. Paulo!... Que grande e imperdoável crime!

Perdi 10 anos de vida. Eu vou no navio mais morto que vivo. Só a bordo é que me aplicaram curativos nas costas, mas estou muito fraco e creio que tuberculoso! Oh! é horrível! Que policia infame e criminosa!

Não me deixaram nem despedir de meus filhos e de meus amigos!

Que fizeste por mim aí? Eu estive sempre impedido, incomunicável, sem poder ler, nem falar com ninguém! Chegámos em Santos a oferecer ao carcereiro 50\$ por um punco de água e uma sanduiche e só conseguimos que...

reer do inspector geral do do trabalho, favorável à realização das matinees e estabelecendo que o dia de descanso seria durante a semana, quando a lei é bem clara, não podendo ser modificada sem um acordo entre as partes interessadas, em que figura o sindicato dos trabalhadores de teatro.

—E' o que pensa fazer a classe?

—Os trabalhadores de teatro de Lisboa estão muito agitados e uma das companhias que estão no Pôrto, escreveu-nos dizendo estar indignada com o procedimento de parte da outra companhia, que accede aos gananciosos desejos dos empregatários. Hoje deve realizar-se, às 18 horas, uma importante assembleia magna na sede do nosso sindicato, para tratar deste assunto e do despedimento de vinte carpinteiros do teatro Apolo, por terem faltado à matinee de quinta-feira.

—De maneira que, em tua opinião, os trabalhadores de teatro farão brevemente qualquer coisa de mais pratico, na verdade?

—Sim, sim. E isso sucederá num dia mais próximo do que se julga.

Despedimo-nos de Sá Junior, depois de termos anotado cuidadosamente as suas declarações, interessantes neste momento em que uma classe está quebrado a sua habitual pacatez para reivindicar altivamente os seus direitos postergados.

NOTAS & COMENTÁRIOS

por PERFEITO DE CARVALHO

Recebem-se pedidos na administração da Batalha.

Prender, perseguir...

A questão das "matinees"

O que nos disse um militante da Associação dos trabalhadores de Teatro

ALFAIATARIA INGLESA
DE
MANUEL L. BRÁS
nacionais e estrangeiras
ações para homens e se-
-Preços módicos, perfei-
-apidez.
A DES.ª MARTA, 31
LISBOA

Tendes relógios parados?

na RUA DE SANTA MARTA, 32 e 32-A
veréis como se encontram
preços tão baratos que
nem pode competir.

para-se ouro, prata e platina
Mendes Cruz

OMÓVEIS
ria nacional
editadas oficinas de
Ferreira Fernandes
Fabricam-se com garantia todas as engrenagens e
mais peças para automóveis, barcos, toda a qua-
lidade de motores, máquinas, etc.
Aço especial garantido
Serralharia mecânica
Rua de Santo Antão, 165
Telefone 940-C.

MA NETO, MOURA & C.ª
Compra e venda de títulos
nacionais e estrangeiros
Rua dos Retrozeiros, 100 a 106
Esquina da rua dos Sapateiros, 1 e 3
FONE 3844 TELEGRAMAS—“IMAN”

Companhia de Papel de Gois

Ponte de Sotam-Gois
FABRICA toda a qualidade de papeis de em-
brulho, sacos, cartuchinhos, manteigueiro,
costaneiras, almoços, coquiles, escrita, impres-
são, assetinados, capas e carta, bem como
papeis de fabricação especial

Lisos e pautados
Agente e depositário geral
A. B. dos REIS
Cais do Sodré, Lisboa—Telefone C. 4.317
Rua da Nova Alfandega, Porto—Tel. 2.192

SAPATARIA OPERÁRIA
Aconselhamos todos os nossos leitores a
comprarem o seu calçado nesta casa, que se
recomenda para solidez e economia. Tem
sempre grande sortido de calçado para ho-
mem, senhora e criança
A preços que ninguém pôde competir
38, RUA de S. PAULO, 40
(Próximo ao Arco Grande)

**Sempre melhor
e mais barato**
de luxo — Perfeição — Solidez
e preços

Mais uma bicha



Disputam-se a pen-
cência as pechinchas
da nossa casa.
O nosso sortido
impressiona. Venham
ver! Venham ver!
Botas para homem
64750, 84750,
84750.
Botas para ho-
mem liquidam-se a
18500, 124000,
18500.
Sapatos de peli-
ca para senhora a
78500, 98000, 104000, 118000.
Sapatos em pelica verniz para senhora, salto à Luiz XV,
a 118500, 128500, 135500.

Fornecedores dos empregados dos Caminhos de
Ferro Portugueses e do Sul e Sueste e da Cooperativa
dos Empregados do “Diário de Notícias”.

SAPATARIA S. ROQUE
16—Largo de S. Roque—17

Enfardadeiras, aramé de enfardar, foices e gada-
nhas, locomoveis, motores, cimento, tijolo e barro re-
fractario, serra fita e circular, cunhas, maretas, malhas
e britadeiras, arames, chumbo em tubo, barra em chapa.
Zinco em chapa. Barra e laminas para caldeiras. Estan-
ho e metal antifricção.

Aos melhores preços

Parafusos com porca, cantaria e outras ferragens e
ferramentas. Máquinas de serrar, sem fim e circulares.
Pás, picaretas, ancinhos, enxadas, carros de mão e para
sacaria, apes.

Antonio Purlado dos Santos, Il pos & C.ª
148, Rua da Boa-Vista, 150—Tel. 1780 C.

SIFILIS

Grande descoberta de plantas para a cura da
sífilis e de todas as doenças que derivam da im-
pureza do sangue. Cura-se de pessoas de toda
idade. Trata-se de todas as doenças por meio de
ervas. Pacote, 600 réis. Travessa da Oliveira, 21
raz-de-chão, direito, à Estrela.

OURO!!!

Mais barato e não
—se paga feito— **Só milagre!!!**

OURO

Comprem na conhecida e acreditada
casa Paiva & Fraga.
Ha sempre grande sortido de cordões,
correntes, anéis, alfinetes e mais objec-
tos em 2.ª mão renovados com pouco
feito.

4 a 12, R. da Palma, 4 a 12
Junto à Casa das Galoias
TELEFONE 3676

A. J. CONTENTE

33-Rua do Comércio-33

**CAMBIO, PAPEIS DE CRÉ-
DITO, coupons e moedas na-
cionais e estrangeiras, etc.**

“Garantia”

Companhia de Seguros Marítimos e Terrestres

FUNDADA EM 1853

SÉDE NO PORTO: RUA FERREIRA BORGES
(Edifício próprio)

Capital 1.000 CONTOS

(Um milhão de escudos)

Statutos pagos até 31 de Dezembro de 1918: 6.579.529\$26,6

Dividendo distribuído, Idem, idem: 1.394.000\$00

Efectua seguros contra riscos de fogo, industriais, lucros cessantes,
aluguéis de predios, greves e tumultos (só em predios e mobilias), agri-
colas, automóveis, riscos marítimos e riscos de guerra.

Agentes em Lisboa

José Henriques Totta & C.ª

BANQUEIROS

69 a 79, Rua Aurea, 69 a 79

Telefone 533 e 1589 Central

CONTRA O FRIO

Calçado de abafo: a preços reduzidos

Tamancaria: preços especiais para revenda

NOS

GRANDES ARMAZENS DE CALÇADO

PARA

homens, senhoras e crianças

DE

de José Nunes & C.ª

do de luxo — Perfeição — Solidez

e preços

Drogaria

Progresso

Henriques & Ribeiro

Produtos químicos e farmacêuticos

DEPOSITARIOS DO

Crema Beleza das Damas e

Pasta esmalte Rosa

O melhor e mais higiénico

para unhas

Estanho marca DRAGÃO

Deposito de Aguas Minerais

109, Rua da Escola

Politécnica, 113

Lisboa

722 Telefone 1561-Norte

NICOLAU GOMES

CORREA

Alfaiate-Mercador

Parque e d.º 7

dos Empregados

dos Caminhos

de Ferro Portu-
gueses, do Sul e
Sueste, da
Caixa dos Operá-
rios da Câmara
Municipal de
Lisboa e da Co-
operativa da Ma-
teirial de Guera.

Variado sortido
de lãnicos para ho-
mens e senhoras,
padrões da moda,
preços
imitados.

ALFAIATARIA

Especialidade em fatos, sobretu-
dos, casacos, calças,
alentejanas e
casacos de se-
ca já confecciona-
dos, tudo pelos
preços da moda.

255-Rua dos Panqueiros-255

Purgações

Curam-se com a injeção “Es-
trela”

DEPÓSITO:

Rua Marechal Saldanha, 13

Morais & Rodrigues

Reumatismo

Seja ele de que qualidade for e antigo
que seja, a sua cura é certíssima e em
poucos dias sentindo-se prontos alivios
logo em seguida às primeiras vezes que
se uzar. Cada tubo \$50, pelo correio
mais \$20. Vende-se na travessa da Ol-
veira, 21, r/c. D. (ao Largo da Es-
trela) (631)

Seja ele de que qualidade for e antigo

que seja, a sua cura é certíssima e em

poucos dias sentindo-se prontos alivios

logo em seguida às primeiras vezes que

se uzar. Cada tubo \$50, pelo correio

mais \$20. Vende-se na travessa da Ol-

veira, 21, r/c. D. (ao Largo da Es-

trela) (631)

Seja ele de que qualidade for e antigo

que seja, a sua cura é certíssima e em

poucos dias sentindo-se prontos alivios

logo em seguida às primeiras vezes que

se uzar. Cada tubo \$50, pelo correio

mais \$20. Vende-se na travessa da Ol-

veira, 21, r/c. D. (ao Largo da Es-

trela) (631)

Seja ele de que qualidade for e antigo

que seja, a sua cura é certíssima e em

poucos dias sentindo-se prontos alivios

logo em seguida às primeiras vezes que

se uzar. Cada tubo \$50, pelo correio

mais \$20. Vende-se na travessa da Ol-

veira, 21, r/c. D. (ao Largo da Es-

trela) (631)

Seja ele de que qualidade for e antigo

Quereis fazer economias?

COMPRA NA

Louçaria do Póço Novo

Louças esmaltadas, vidros, jarras,
can diellos, faianças, porcelanas, etc.,
etc.

Serviços de jantar e almoço em
faiança e porcelana.

Variedade em objectos para brindes.
Sortimento em artigos de uso domés-
tico

PREÇOS DA FABRICA

Largo do Póço Novo, 22--Lisboa

(fundo da C. do Combrio, defronte
da Palmeira)

Pomada “MARY,”

A melhor para dar lustro e con-
servar o calçado

Descontos aos revendedores

DEPÓSITO:

MORRIS & RODRIGUES

Rua Marechal Saldanha, 13

Fósforos

Ficam avisados os srs. revendedores
de fósforos de que podem dirigir direc-
tamente os seus pedidos:

No norte do País, aos Revendedores
Gerais:

Alves Mateado & Borges, S.ªs

67, Rua do Bom Jardim, 69—PORTO

No Sul e Ilhas Adjacentes, aos Reven-
dedores Gerais:

Nogueira Marques & C.ª

Rua da Alameda, 92—LISBOA

sendo os preços por caixote de 3.600
caixinhas (25 grozas):

Fósforos de enxofre 36000 ou \$01 por
caixinha; ditos Amorfois, 72000 ou \$02;
ditos de Cera Comum, 72000 ou \$02;
ditos de Cera de Luxo n.º 1 (quarto de
caixinha), 72000 ou \$04; ditos de Cera
de Luxo n.º 2 (quarto de caixinha), 27000
ou \$03 por caixinha, com o desconto
legal de 100/0, seja qual for o número
de grozas pedidas.

Quaisquer queixas acerca da demora
da execução dos pedidos ou falta de
concessão do desconto, devem ser diri-
gidas à Companhia Portuguesa de Fós-
foros, rua de S. Julião, 139—LISBOA.

CASA DA BORRACHA

Sortimento variado de arti-
gos da especialidade. Sacos de
Borracha para água quente.

Pneus “Dunlop”

815x105 880x120 820x120
920x120 e 935x135

Câmaras das mesmas medidas
263—R. da Prata—265

J. V. BAPTISTA

Comp. Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anónima—Estatutos
de 30 de Novembro de 1894

EXPLORAÇÃO

Concurso de praticantes para factor

O prazo para apresentação de documentos
para o concurso para praticantes a factor,
aberto em 25 de Novembro passado, será
prorrogado até 31 do mez corrente.

Os candidatos deverão apresentar os se-
guientes documentos:

a) Requerimento em papel comum, diri-
gido ao Engenheiro Chefe da Exploração,
pedindo a admissão, indicando se tem pa-
rentesco com algum empregado da Com-
panhia, e, em caso afirmativo, qual o grau
desse parentesco;

b) Certidão de idade;

c) Atestado de bom comportamento, pas-
sado pela autoridade local da residência ha-
bitual do candidato;

d) Carta de exame de instrução primária
ou de outras habilitações literarias que por-
ventura tenha;

e) Documentos comprovativos da sua si-
tuação militar, no caso de ter sido recen-
sado.

Observações

Os documentos a que se referem as alí-
neas b), c) e d) devem ser passados pela
entidade competente e devidamente auten-
ticados.

Se o candidato tiver parentesco com al-
guem empregado da Companhia (alínea d),
deverá juntar ao requerimento uma decla-
ração desse empregado, em papel comum,
confirmando o parentesco alegado.

Não serão admitidos candidatos com me-
nos de 16 anos ou mais de 21 anos de idade.

Excepção-se os filhos de empregados da
Companhia, cujo minimo é de 15 anos.

Os documentos devem ser entregues ao
Engenheiro Chefe da Exploração (Reparti-
ção do Pessoal), Santa Apolónia, até 31 do
corrente.

Os concursos serão no mês de Janeiro de
1935.

PROGRAMA DO CONCURSO

— Prova escrita de ortografia, caligrafia e
redução.

— As quatro operações, com numeros in-
teiros, decimais e quebrados.

— Regra de três, simples.

— Medidas de volume, peso e capacidade,
sistema métrico.

— Conhecimentos gerais de geografia de
Portugal.

— Regra de três, composta.

— Regra de três, composta.

— Regra de três, composta.

GRANDES ARMAZENS BARROCA

Móveis, Estofos e outros artigos

AUGUSTO M. BARROCA

SUCESSOR:

Ivo dos Santos Barroca

39 a 45—Rua da Atalaia—47 a 51
(Prédio todo) e 65 a 71-A

LISBOA

Chapelaria A SOCIAL

Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos
e mesclas em cores lindíssimas,
formatos dos mais afamados fabricantes estrangeiros

GRANDE NOVIDADE

Chapéu mole,
novo modelo americano,
muito elegante,
só na Cooperativa

A SOCIAL

ESTABELECIMENTOS

Séde: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33

1.ª Sucursal: — Rua dos Poiais de S. Bento, 74, 74-A

2.ª Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29

3.ª Sucursal: — Rua do Arco do Arco do Marquês de Ale-
grete, 56, 58

Fábrica de bonets

Chapéu modelo Jaurès (Exclusivo)

METALÚRGICA PORTUGAL

COM

Serralharia Civil

Mecânica e Forjas

A PRODUTORA

Fábrica de Ferragens a Vapor

Fábricas em Lisboa e Porto

de

Braz, Henrique & C.ª L.ª

Entrega imediata. Moinhos ac-
tionomotores, motores a gasolina, En-
xadas, pás, picaretas e bombas de
água e para todos os
fins.

Ferramentas para fabrica de
conservas. Reparacões em máqui-
nas e automóveis. Orçamentos gra-
tis.

MADERAS E MATERIAIS DE

CONSTRUÇÃO

Séde em Lisboa:

R. Morais Soares, 166-B. Telef.
2275-Norte.

NO PORTO

R. da Cavada 497

Telef. 1267

Telegramas: Volcano

CASA AFRICANA

Lisboa-Pôrto

Continúa recebendo as maiores e
mais sensacionais novidades

